

RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO: PERSPECTIVAS ALTERNATIVAS SOBRE A SECULARIZAÇÃO E O LUGAR DO FENÔMENO RELIGIOSO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Edson Lugatti Silva Bissiati¹

Resumo:

O trabalho tem como objetivo analisar alguns desdobramentos teóricos e empíricos referente ao fenômeno da secularização na sociedade moderna e contemporânea, sobretudo, pensando não só os limites da teoria clássica do secularismo, mas principalmente trabalhando perspectivas alternativas acerca da temática, observando-a através das transformações religiosas no mundo ocidental e na América Latina. Primeiramente, são trabalhados autores que apostaram na consumação do que Weber chamou de *desencantamento do mundo*. Posteriormente, são abordadas as interpretações teóricas e analíticas que enxergam a religião não só como elemento que faz parte da vida social, mas um fenômeno que segue se dinamizando na sociedade, colocando em xeque a narrativa hegemônica sobre o avanço do secular. Para corroborar com argumentos teóricos e analíticos apresentados no trabalho, é apresentado um levantamento quantitativo sobre o número de pessoas religiosas e não religiosas no continente americano e europeu da última década. Nas considerações finais, como resultado preliminar, considero que o elemento religioso segue presente e dinâmico em países do ocidente, especialmente no Brasil, convergindo assim com as narrativas que se afastam da interpretação weberiana de um paulatino *desencantamento do mundo*.

Palavras chave: Secularização; Religião; Laicidade; Modernidade.

Religion and Public Space: Alternative Perspectives on Secularization and the Place of the Religious Phenomenon in Contemporary Society

Abstract

The objective of this work is to analyze some theoretical and empirical developments concerning the phenomenon of secularization in modern and contemporary society, above all, thinking not only about the limits of the classical theory of secularism, but mainly working on alternative perspectives on the theme, observing it through the religious transformations in the Western world and in Latin America. Firstly, authors that bet on the consummation of what Weber called the disenchantment of the world are worked on. Later, theoretical and analytical interpretations are approached that see religion not only as an element that is part of social life, but a phenomenon that continues to be dynamic in society,

¹Mestre em Ciências Sociais (UFJF). Doutorando em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). Desenvolve pesquisa na área de ciência política, com ênfase nos estudos acerca da relação entre conservadorismo e reacionarismo religioso no Brasil.

calling into question the hegemonic narrative about the advance of the secular. To corroborate the theoretical and analytical arguments presented in the paper, a quantitative survey is presented on the number of religious and non-religious people in the American and European continent in the last decade. In the final considerations, as a preliminary result, I consider that the religious element is still present and dynamic in western countries, especially in Brazil, thus converging with the narratives that move away from the Weberian interpretation of a gradual disenchantment of the world.

Keywords: Secularization; Religion; Secularism; Modernity.

Religión y Espacio Público: Perspectivas Alternativas sobre la Secularización y el Lugar del Fenómeno Religioso en la Sociedad Contemporánea

Resumen

El trabajo pretende analizar algunos desarrollos teóricos y empíricos sobre el fenómeno de la secularización en la sociedad moderna y contemporánea, sobre todo, pensando no sólo en los límites de la teoría clásica del secularismo, sino principalmente trabajando perspectivas alternativas sobre el tema, observándolo a través de las transformaciones religiosas en el mundo occidental y en América Latina. En primer lugar, se trabajan autores que apuestan por la consumación de lo que Weber llamó desencantamiento del mundo. Posteriormente, se abordan interpretaciones teóricas y analíticas que ven a la religión no sólo como un elemento que forma parte de la vida social, sino como un fenómeno que sigue siendo dinámico en la sociedad, poniendo en jaque la narrativa hegemónica sobre el avance de lo secular. Para corroborar los argumentos teóricos y analíticos expuestos en el trabajo, se presenta un estudio cuantitativo sobre el número de personas religiosas y no religiosas en el continente americano y europeo en la última década. En las consideraciones finales, como resultado preliminar, considero que el elemento religioso sigue presente y dinámico en los países occidentales, especialmente en Brasil, convergiendo con las narrativas que se alejan de la interpretación weberiana de un gradual desencantamiento del mundo.

Palabras clave: Secularización; Religión; Secularismo; Modernidad.

Introdução

O debate sobre a relação, limites e os contrastes entre religião e política no pensamento político e social, traz uma série de questões acerca do que imaginar e pautar quando tratamos da junção

desses elementos, isso pensando sociedades ocidentais como Estados Unidos, França, Alemanha, mas também, sociedades outras e/ou “ocidentais outros” como o Brasil e sua pulsante diversidade religiosa sempre interligada ao aspecto político. Necessariamente, quando pensamos isso, o tema da secularização se apresenta. A difundida premissa de que o sagrado perderia espaço para o secular perpassou toda a trajetória das reflexões no campo da teoria política e na esfera das ciências sociais no mundo e no Brasil. Isso nos traz as seguintes questões: é a religião parte do imaginário político ocidental e mais detidamente o brasileiro e, com isso, deve caminhar junto a essa esfera ou, na verdade, estar situada em um campo distinto de nossa institucionalidade política? Essas perguntas são fundamentadas nas discussões sobre a laicidade, que é também forjada na modernidade e na linguagem epistêmica secular. Mas a principal indagação do texto é: estaria o elemento religioso influenciando cada vez menos no espaço público, ou na verdade, permanece pujante em muitos aspectos do tecido social? Nesse sentido, a hipótese deste trabalho é a de que o fenômeno religião não só permanece atuante e presente na sociedade e em suas mais variadas dimensões, como também, vem aumentando e dinamizando sua presença na vida sociopolítica de diversos países, incluindo o Brasil.

Por isso, tratar de alguns dos desdobramentos acerca do conceito e do fenômeno da secularização nos fornece caminhos para compreender as relações entre religião e política no contexto hodierno ocidental e latino-americano, principalmente quando

observamos não só uma crescente transformação na demografia religiosa na América Latina e no território brasileiro (FREESTON, 2010), como temos também visto a consolidação de forças religiosas em nosso espaço público e em nossa institucionalidade, além de assistirmos uma liderança política como Jair Bolsonaro (PL) ascender ao poder tendo no imaginário cristão conservador e reacionário parte basilar de sua plataforma político-eleitoral (ALMEIDA, 2019; BISSIATI, 2023; LYNCH; CASSIMIRO, 2020).

Assim, dentre a amplitude do debate sobre os caminhos e os possíveis avanços da secularização nas mais variadas sociedades, compreender, mesmo que sucintamente², a maneira como o elemento religioso passa a ser tratado por alguns dos principais pensadores da modernidade que enxergaram no horizonte do sagrado um paulatino caminho de declínio (WEBER, 1982), mas também os que interpretam essa problemática por uma outra ótica (ASAD, 2003; CASANOVA, 2009; BERGER, 2017; TAYLOR, 2007), nos possibilita perceber como as visões sobre essa temática influem decisivamente nas interpretações intelectuais e teóricas que giram em torno da dimensão sociorreligiosa e sociopolítica, além de fornecer uma lente conceitual capaz de abarcar a forma como as religiões vem se configurando e se transformando no ocidente secularizado e em nossa região, desaguando em questões que povoam a política e a esfera pública contemporânea.

² O objetivo do trabalho não é esgotar o debate, que por si só tem demonstrado ser inesgotável, mas refletir a partir de alguns autores e interpretações a temática da secularização e suas implicações na concretude da vida social contemporânea.

Dito isso, vale dizer que, para amparar todo o arcabouço conceitual, teórico e analítico abordados no trabalho, é apresentado um levantamento quantitativo do número de pessoas religiosas e não religiosas no continente americano e europeu na última década. Esses dados foram coletados através de pesquisas realizadas pelo Instituto Latinobarómetro e têm enfoque no quadro religioso da América Latina. Também foram utilizados dados levantados pelo Pew Research Center, que apuram a projeção do número de crentes e não crentes na América do Norte e na Europa entre os anos de 2010 e 2050, bem como o quadro religioso da última década em países como o Brasil. É importante ressaltar que tanto o Instituto Latinobarómetro quanto o Pew Research Center possuem ampla credibilidade na comunidade científica internacional em relação a levantamentos demográficos e pesquisas de opinião.

O texto está dividido em cinco partes, além desta introdução. Na parte inicial faço uma incursão no debate sobre o fenômeno da secularização, passando por pensadores que em alguma medida apostam na secularização do mundo moderno e no paulatino *desencantamento* das sociedades em relação ao sagrado. Verso também sobre um dos aspectos políticos que nascem na vida moderna, que é a laicidade, e os desdobramentos desse debate junto à questão da religião. Posteriormente, apresento pensadores que traçam perspectivas diferentes sobre a vida secular na *modernidade*, calcados na premissa básica de que a religião não só não perdeu espaço no mundo social como segue ganhando

múltiplas configurações, influenciando decisivamente na conformação do espaço público de diversos países no Ocidente e fora dele. Consequentemente apresento como o número de pessoas religiosas segue majoritário no Ocidente e aumentando em regiões como a América Latina, destacando o Brasil como um caso de crescimento do segmento evangélico em sua demografia religiosa, corroborando, assim, com as perspectivas alternativas sobre este debate. Nas considerações finais, faço um apanhado da discussão e pontuo a importância de se pensar a relação entre a esfera política e a religiosa no campo institucional, democrático e sociopolítico, sobretudo, com o recrudescimento de forças político-religiosas pouco afeitas aos preceitos básicos do pluralismo político.

O declínio do sagrado perante o avanço secular no pensamento moderno

A emergência da sociedade moderna significou a transformação da vida social nas suas mais variadas facetas, especialmente no âmbito político, cultural, epistêmico e religioso (MARIANO, 2011). A ascensão do Iluminismo como mote central de ordenamento do conhecimento e a ideia da razão como guia das ações humanas forjou as bases para a constituição de uma sociedade que não mais se pautaria nas ações do divino ou no monopólio da religião no ocidente, especialmente o cristianismo capitaneado pelo catolicismo.

Nesse período, filósofos e teóricos sociais enxergavam nessa marcha da racionalidade e do cientificismo a ruína e/ou o fim do pensamento religioso como fenômeno presente no tecido social³. Friedrich Nietzsche, em sua obra *A Gaia Ciência* (2001), enxergou a ascensão do cientificismo como o fenômeno que dava fim à ideia de Deus, ou seja, a difusão desse paradigma moderno causaria o esvaziamento da religião como sistema moral basilar da vida social no ocidente. Além de Nietzsche, outros pensadores conceberam o fenômeno religioso como algo a ser superado pela *modernidade*. Augusto Comte, pai do positivismo, ao delimitar estágios para o avanço do conhecimento, classificou o pensamento mágico e religioso como o estágio primevo e rudimentar, onde inexistia o conhecimento pautado na razão, sendo esse o momento em que ocorre a busca no sobrenatural daquilo que significava o único meio de explicação sobre o mundo. Para o autor, nesse período o homem não era dotado de racionalidade e de ferramentas necessárias para o entendimento da sociedade (COMTE, 1983).

Immanuel Kant, filósofo racionalista alemão do século XVIII, ao trabalhar em sua obra *Crítica da Razão Pura* (2000) questões ligadas à metafísica e à razão teorizou Deus como uma das ideias reguladoras da sociedade. Porém, lançou luz à noção de que o Deus transcendente – como o Deus cristão – não é algo que age no espaço e no tempo e, portanto, é inacessível ao mundo da vida. Assim, para Kant, não podemos alcançar o conhecimento através

³ Vale ressaltar que os autores citados neste tópico, apesar de pensarem o religioso como fenômeno a caminho de ser superado no mundo moderno, têm teorias e perspectivas analíticas que possuem expressivas diferenças conceituais, além de preocupações epistêmicas diversas.

de uma essência transcendente, como concebia a metafísica tradicional (KANT, 2000)⁴. Nesse sentido, o fenômeno da secularização serviu de base para a construção de teorias e interpretações sociológicas sobre os fatores que catalisaram o avanço da era moderna. Um dos mais paradigmáticos autores dos estudos sobre o tema da secularização é Max Weber. Seu legado analítico sobre a relação entre religião e modernidade veio a se difundir na seara da teoria social e política ao longo do século XX, permanecendo forte na contemporaneidade.

Foi Weber que cunhou o termo *desencantamento do mundo*, cuja premissa é a de que a sociedade na *modernidade*⁵ não mais se norteava pelo caráter religioso e/ou pela ação dos deuses. A partir disso, o pensamento mágico foi perdendo espaço para a ação racional do homem e, além disso, o autor não objetivava estudar e entender a religião enquanto tal, mas sim investigar seus aspectos com intuito de compreender o mundo moderno (WEBER, 1982; WEBER, 2007). Com o *desencantamento do mundo*⁶, religião e esfera pública passam a ser campos separados na vida social, e tal concepção começa a influir no modo como se pensa a questão do papel da religião nas instituições políticas e essa separação se consolida no imaginário ocidental laicizante (BURITY, 2020). No Brasil, no final do século XIX, o ideário político-jurídico capitaneado por Rui Barbosa sofreu a influência dessa linguagem secular. Assim,

⁴ Kant, autor que influenciou e foi influenciado pela Revolução Francesa de 1789, lançou uma outra interpretação sobre Deus e a religião, sobretudo na obra *Crítica da Razão Prática* (2003), em que demonstra a complexidade das reflexões do autor sobre a vida moderna.

⁵ Para um aprofundamento na ideia de modernidade em Weber, destaco o trabalho de Bryan (1992).

⁶ Dentre os diversos trabalhos que analisam este conceito, aponto as pesquisas de Pierucci (2003).

tanto a Proclamação da República como e principalmente a constituição forjada nesse período, postularam juridicamente a separação entre Estado e Igreja. A partir disso, o catolicismo passava a não ser mais a religião oficial do país, embora sua influência política tenha permanecido forte.

Na esteira dessas interpretações acerca do lugar da religião na vida pública e da política na sociedade moderna, Jürgen Habermas, considerado um dos principais pensadores do século XX e da atualidade, se debruçou em teorizar e discutir sobre os dilemas da secularização na contemporaneidade, especialmente com a virada para o século XXI e os acontecimentos que colocaram em xeque os preceitos mais basilares da ideia de separação entre espaço público e religião, principalmente com o ataque de terroristas da Al-Qaeda às torres gêmeas nos EUA em 2001⁷. Habermas (2007), entende que com o avanço da secularização e da consolidação do Estado liberal, a religião se viu obrigada a abrir mão do monopólio de interpretação do mundo e da normatividade em relação à vida social. Entretanto, com os inúmeros dilemas postos na *modernidade* a essa clássica premissa que separa o espaço secular em detrimento do religioso, se entende que o processo ocidental de secularização é uma dialética inconclusa e permeada por desafios (HABERMAS, 2013).

⁷ O ocorrido em 11 de setembro de 2001, fez com que Habermas se debruçasse em revisitar o tema clássico da relação entre fé e saber, bem como em diagnosticar a emergência de duas tendências conflitantes no seio da cultura mundial, que se trata, de um lado, da revitalização de comunidades de fé no século XX, e do outro, a propagação de imagens de mundo naturalistas (HABERMAS, 2013).

O autor, ao compreender os limites da noção de secularização da sociedade ocidental, procura propor caminhos para essas problemáticas, discutindo com intelectuais ligados ao pensamento religioso e repensando o lugar do sagrado nas dinâmicas sociais e políticas do mundo ocidental. Em seu entendimento, o campo secular e o religioso devem promover uma cooperação cujo objetivo é a aceitação da perspectiva de ambos os lados sobre seu lugar na sociedade (HABERMAS, 2013). Embora Habermas reconheça que o recrudescimento de diversas religiões na sociedade ocidental tenha promovido uma tensão nas premissas clássicas da secularização e que, através disso, seja necessário repensar os limites e os meandros da relação do secular com o sagrado, o autor não deixa de lado a interpretação de que a secularização da sociedade aconteceu e seguirá acontecendo⁸.

Em sua obra, *Pensamento Pós-metafísico* (1990), o teórico enxerga que a linguagem religiosa e seu potencial semântico são características fundamentais para o pensamento filosófico, bem como entende que as doutrinas religiosas são integrantes da genealogia da razão, capazes de fornecer valores normativos que contribuem para a organização do mundo da vida, sem com isso abrir mão do mote secular como parte constituinte e balizadora da sociedade moderna.

⁸ No livro *Dialética da Secularização: sobre Razão e Religião* (2007), Habermas, deixa claro que segue apostando na secularização como fenômeno ordenador das sociedades e de suas relações com o elemento religioso, pois "entendendo a secularização da sociedade como um processo comum de aprendizagem complementar, ambos os lados estarão em condições de levar a sério em público, por razões cognitivas, as respectivas contribuições para temas controversos" (HABERMAS, 2007, p. 52).

O impacto da linguagem secular, certamente, influenciou decisivamente no ordenamento político, jurídico e social de diversas sociedades. Com isso, países, alguns mais cedo e outros mais tarde, se tornaram laicos. Desse modo, o espaço político se diversificou e pessoas não religiosas ganharam protagonismo na esfera política. Por ser fruto dessas transformações oriundas da emergência da vida moderna, compreender alguns aspectos do debate sobre a laicidade, possibilita também pensar os desdobramentos sobre a secularização e a relação das crenças com a esfera pública, principalmente no Brasil.

Uma breve incursão no conceito de laicidade

O laico e o secular possuem diferenças em suas conceituações. Basicamente, a noção de laicidade é circundada especificamente pela regulação política, jurídica e institucional das relações entre a esfera da religião e da política, da igreja e do Estado em contextos pluralistas. Refere-se, histórica e normativamente, à emancipação do Estado e de suas instituições dos poderes eclesiásticos e de toda referência e legitimação religiosa (MARIANO, 2011).

Dito isso, cunhado pelo jurista Hugo Grotius (1583–1643), o termo *Etsi deus no daretur* (mesmo que nenhum deus exista), fundamentou o Direito Internacional moderno, colocando o ente jurídico como despido da influência religiosa. Essa afirmação foi um dos pontos basilares que catalisou o conceito de laicidade e sua aplicação

em sociedades democráticas. Quando falamos de laicidade, um marco histórico para o entendimento básico disto está circunscrito no Tratado de Paz em Westfália, assinado em 16 de agosto de 1648, dando um ponto final à Guerra dos Trinta Anos, na qual católicos e protestantes digladiavam pelo seu direito à profecia da fé (ZYLBERSZTAJN, 2012). Para que se alcançasse a paz, o Tratado outorgou a soberania à máquina política dos reinos. Conforme diz o próprio documento – “*That there shall be a Christian and Universal Peace, and a perpetual, true, and sincere Amity [...]*” –, a paz provém da própria origem comum das religiões: Cristo. Logo, “este marco inaugura dois conceitos importantes para o tema: a superação da tese de origem e legitimação divina do poder do governante e o surgimento da soberania estatal (ZYLBERSZTAJN, 2012, p. 17). Com isso, podemos notar que a laicidade não é um movimento propriamente de negação do religioso, visto que surge mesmo do seio do argumento religioso.

No ocidente, dois modelos de laicidade se destacam, a saber: o francês e o norte-americano. O francês tem como base a total separação da religião com o espaço público. Nesse modelo, professar a fé é algo relegado a esfera privada da vida, ou seja, a política, a educação e todas as esferas do campo estatal não devem ter a influência da linguagem religiosa, mas somente a da secular (BISSIATI, LEPORATI, LIGUORI, ANDRADE, 2019). Por outro lado, John Jay, um dos escritores da obra *Federalistas*, quando pensou a ordenação jurídico-política norte-americana pela ótica laica, buscou creditar a pertença religiosa e a crença em Deus como

elementos que possibilitam a manutenção de um regime de tolerância (JAY, 1840). Jay teve em John Locke (1632–1704) uma de suas principais inspirações no que concerne ao debate acerca da tolerância e da manutenção de um Estado que não negue a pluralidade sem descartar as premissas cristãs de amor ao próximo (LOCKE, 1973). Portanto, o modelo de laicidade norte-americano tem como mote a virtude de saber conciliar a religião com a República. Nesse contexto, o sagrado é elemento constituinte de seu espaço público (TOCQUEVILLE, 1998).

No Brasil, a laicidade estatal instaurada em 1891 sofreu a influência do modelo norte-americano, porém, para além de uma conformação comum entre múltiplas crenças e espaço público, o que se viu foi a manutenção dos privilégios católicos e da discriminação estatal e religiosa às demais crenças, práticas e organizações mágico-religiosas, sobretudo às do gradiente espírita (MARIANO, 2011). A constituição de 1988 seguiu em suma a premissa da separação do religioso e do público, porém, sem estigmatizar a manifestação de crenças em instituições estatais⁹.

Um fato recente que circunda essa questão no Brasil referente ao debate sobre a laicidade se encontra na ação pública de nº 3008630–80.2013.8.26.0602 de jurisdição do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, no qual a Prefeitura Municipal de Sorocaba deu início a uma ação no Ministério Público do Estado de São Paulo

⁹ Importa esclarecer que além das constituições de 1891 e 1988 no Brasil do século XX ainda foram promulgadas as cartas constitucionais de 1934, 1937, 1946 e 1967. Todas em algum grau previam a laicidade estatal.

alegando que a placa na entrada da cidade de Sorocaba/SP, com os dizeres "Sorocaba é do Senhor Jesus", violava a laicidade do país. No final de toda essa questão judicial, o Acórdão traz a declaração de voto do Desembargador Ricardo Dip, em que nega que esses dizeres estariam violando a laicidade do Estado brasileiro. Seu argumento se pautou na premissa de que tais dizeres não são manifestações religiosas e sim manifestações de nossa cultura popular. *In verbis*, 2014, fls. 4, (grifos do autor):

Impedi-la implicaria, a meu ver – com a devida vênia –, em discriminação contra as raízes civilizacionais brasileiras e contra a liberdade expressiva do pensamento popular. À margem de afirmação epistêmica alguma sobre a verdade da fé cristã, calha, sem dúvida, que tem de admitir-se o fato de o povo brasileiro ser, em sua origem histórica, *civitas cristiana*. A só menção, portanto, do nome de Jesus Cristo reportado à cidade de Sorocaba é uma referência histórico-cultural, que, por si só, não aflige o âmbito do **poder político**, nem ainda o da liberdade de consciência e de crença.

Ao observarmos esse caso, podemos perceber, como afirma Mariano (2011), que o laico se encontra em disputa no Brasil – e não só aqui – por e entre grupos religiosos e seculares. Dessa forma, é possível dizer que a religião ou as religiões de fato perderam o seu protagonismo sociopolítico? Que o Brasil e outras nações laicas reduziram a presença dos atores religiosos na arena política ou garantiram a pluralidade religiosa nos espaços de poder? Fato é que analisarmos o debate sobre a secularização (através de um outro olhar) nos fornece outras ferramentas para a compreensão dos dilemas postos entre o elemento religioso e a vida pública.

Perspectivas alternativas sobre a secularização

Outros olhares, perspectivas e interpretações sobre o conhecimento e a religião, bem como seu papel na sociedade moderna emergem no campo das ciências humanas. Essas discussões sofrem a influência de correntes epistêmicas diversas, uma delas é a filosofia da linguagem – ou a chamada virada linguística –, marcadamente capitaneada pelo filósofo Ludwig Wittgenstein principalmente em sua obra *Investigações Filosóficas* (1999), cujo cerne é entender a “gramática” e o “jogo de linguagem” como elementos de conformação da vida social, se opondo à tradição racionalista de matriz kantiano/cartesiana que via na “razão transcendental” o cerne para o entendimento das coisas¹⁰. Essa análise possibilitou pensar a religião, sua relação com a razão e a fé como jogos de linguagem, sem que houvesse qualquer motivação metafísica para sobrepor uma sobre a outra. Assim, somente a vida concreta e as circunstâncias históricas das relações se estabeleceram e restabeleceram continuamente na narrativa ocidental (BARBOZA FILHO, 2011, p. 3).

Além do fenômeno religioso, a influência da “virada linguística” que ensejou o surgimento do pragmatismo filosófico permite pensar a secularização e a laicidade como fenômenos e conceitos concretos, inseridos na linguagem da vida social e não dotados de um significado puramente racional que visa nortear as

¹⁰ Ao observarmos o paradigma kantiano/cartesiano no qual o pensamento expressa diretamente a razão, Wittgenstein vai justamente contra essa argumentação, apontando que a atividade do pensamento é uma atividade coirmã da linguagem (LIGUORI, 2020).

constatações sobre o mundo. Isso impacta e se opõe decisivamente às proposições weberianas de pensar a religião com o seu mote racionalista de entendimento da sociedade moderna.

Nesse sentido, mencionar a importância do pragmatismo filosófico é indispensável na tarefa de entender os meandros do debate que circunda o tema da secularização, em especial, as que não estão submetidas sob a égide do paradigma racionalista. Basicamente, o pragmatismo procura negar a metafísica e a noção de representação na filosofia, ou seja, negam a ideia correspondente de verdade que supõe a existência de uma essência que se encontra além da concretude e fornece os meios racionais da vida comum. No pragmatismo, o debate sobre religião e metafísica não se situam como transcendentais à linguagem, mas, nesse caso, se encontram inseridas nela.

Richard Rorty, considerado um dos principais filósofos do pragmatismo, ao analisar outros autores dessa corrente de pensamento – como Dewey e James – procurou esboçar uma filosofia pragmática da religião em cinco teses, sendo elas: 1) observar as crenças religiosas como hábitos de *ação*, que presumivelmente nos liberta da ideia de unificar todas as crenças em uma só; 2) a necessidade de abandonar a ideia de que algumas partes da cultura satisfazem nossa necessidade de conhecer a verdade e outras preenchem objetivos menores; 3) a religião como um projeto de cooperação social, sem o intuito de prever as consequências de nossas ações e da tentativa de classificar as necessidades humanas; 4 e 5) crítica à tentativa de se

amar uma verdade única, que acaba por suprimir a individualidade a fim de usar a religião para se lutar contra outras pessoas (RORTY, 2009).

Observando as proposições desse autor, a religião nesse caso, se torna uma forma de criação de solidariedade na configuração das sociedades. Diferentemente do racionalismo, que acaba por pressupor o definhamento da religião na modernidade, na ótica do pragmatismo a religião – ou as religiões – são uma dentre as múltiplas gramáticas presentes no tecido social. No campo social brasileiro, a linguagem e/ou a gramática religiosa sempre esteve presente. Olhando para nossa história, da República Velha até o Golpe Civil-Militar de 1964, a elite eclesiástica católica se agrupou a elite política de plantão, buscando defender os seus interesses e influir nas decisões governamentais (AZEVEDO, 2004; MICELI, 2009).

Dito isso, como já mencionado acima, a emergência dessa nova perspectiva epistêmica influi no trabalho de importantes estudiosos do tema da secularização. Dentre eles, o antropólogo Talal Asad, um dos principais pensadores contemporâneos que buscou problematizar teses referentes ao mundo secular. Para o autor, os conceitos de “secularismo” e de “secular”, não possuem um significado unívoco, pois, afinal, ganham contornos diferentes em cada tradição, especialmente nas tradições não situadas no hemisfério norte do globo (ASAD, 2003).

Dessa maneira, com as implicações do conceito de secularização e os múltiplos contornos disso na dinâmica social, emerge uma

problemática para a noção de secular presente no *liberalismo político* ocidental. A inserção de novas formas de religiosidade e o recrudescimento de outras já existentes no espaço público, seja no mundo ocidental ou no sul global, a noção dominante de separação da religião com a vida política é posta em xeque, acarretando uma tensão na visão secular de configuração da sociedade (ASAD, 2003). Relacionado a isso, os problemas que vêm ocorrendo na Europa e nos EUA, apesar de algumas diferenças sociais e políticas referentes à disputa entre o religioso e o secular ligados à noção de decadência religiosa no meio político, têm catalisado uma onda de apoio ao nacional-populismo – que se aproveita dessa problemática – por parte de cidadãos religiosos protestantes e católicos, que estão sentindo suas crenças perderem espaço não só para o mundo secular, mas para o avanço mulçumano no continente causado pelos crescentes contingentes de imigrantes vindos de países islâmicos do norte africano e da Ásia (EATWELL & GOODWIN, 2020).

Dessa forma, as proposições do antropólogo, acabam por fornecer a possibilidade de problematizar o paradigma vigente da ideia de secularidade pela chave ocidental¹¹, possibilitando imaginar os diversos contornos da presença da religiosidade no tecido social não só europeu, mas principalmente em sociedades latino-americanas, africanas e asiáticas, através de chaves epistêmicas

¹¹ Para Oro e Camurça, (2018, p. 12) é “através da obra de Talal Asad, que ao introduzir o olhar antropológico em um domínio até então cativo da filosofia política e ciência política, termina por desconstruir as concepções essencialistas de ‘secular’ e ‘secularização’, para mostrar o caráter histórico e contingente dessas realidades”.

múltiplas que possam ampliar os horizontes de explicação e concepção da presença religiosa na esfera sociopolítica. Nesse sentido, o desafio não deve mais ser formulado em termos de uma tensão entre o aspecto do religioso e o do secular, pois essa oposição tem demonstrado refletir ideologias suplantadas que impedem uma perspectiva adequada referente aos processos que realmente estão acontecendo na sociedade (HANEGRRAFF, 2017).

E é também imerso nessa problemática dos desdobramentos da secularização que Peter Berger (2017) vai propor um novo paradigma sobre as relações entre o religioso e o secular, pautando sua teoria pela ótica do *pluralismo*, cuja noção básica é a da garantia de coexistência de diversos valores religiosos e seculares no imaginário do indivíduo e também no espaço social. Berger (2017) entende que a teoria da secularização fomentada pelo Iluminismo, cuja premissa básica era a do gradual declínio da religião no espaço social, tornou-se empiricamente insustentável como preceito explicativo da sociedade, pois, na vida concreta, o que se viu e se vê é a permanência e até mesmo o crescimento do elemento religioso na configuração social do mundo moderno. O avanço do Pentecostalismo na América Latina e sobretudo no Brasil é considerado um exemplo disso.

Portanto, igualmente fruto da *modernidade*, o pluralismo pensado pelo autor como paradigma a ser trabalhado no lugar da teoria ocidental de secularização objetiva imaginar uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões, moralidades e credos, possam viver juntas e interagir pacificamente, exercendo

sua crença e participando também da vida pública em suas mais variadas dimensões (BERGER, 2017).

Essa paulatina reinserção do aspecto religioso no espaço público, seja pela via política ou mesmo cultural, segue ampliando ainda mais o leque de interpretações e discussões que giram em torno da temática, especialmente o impacto disso, no(s) conceito(s) de laicidade, sociedade civil e, propriamente, a presença do fenômeno religioso na esfera social e estatal. Tais questões são extremamente complexas, tendo em vista que a religião pode funcionar como um elemento positivo no que concerne às configurações da sociedade civil, como também tornar nebuloso os preceitos básicos de conformação das regras institucionais que vigoram no espaço público tido como laico, institucionalizado e secular (ORO & CAMURÇA, 2018).

Também nessa perspectiva José Casanova trabalhou em seus textos questões referentes ao conceito de secularização no mundo moderno e contemporâneo, buscando lançar luz a uma outra maneira de analisar os contornos do elemento religioso no tecido social e político. O mote clássico de pensar a religião como algo a ser relegado ao campo da esfera privada amplamente aceito pelas ciências sociais, em certa medida até os dias atuais, é algo com o qual Casanova também vai procurar se opor e problematizar (ORO & CAMURÇA, 2018). Para o autor, os termos “secular”, “secularismo” e “secularização” estão relacionados, porém, são usados analiticamente de forma distinta a depender do contexto social, político e acadêmico. Além disso, elucida o autor,

que é possível diferir dois tipos basilares de ideologias secularistas. A primeira se refere às teorias secularistas de religião fundamentadas em filosofias progressistas da história que relegam a religião para uma fase substituída. A segunda são teorias políticas secularistas que pressupõem que a religião é uma força irracional, ou seja, uma força não racional em forma de discurso que deve ser banida da esfera pública e democrática (CASANOVA, 2009, p. 1052).

Nesse sentido, Casanova (2009), ao dissertar sobre as teorias da secularização e contrastar a maneira como os europeus e os norte-americanos se colocam em relação às suas religiosidades ou à ausência da religiosidade, afirma que nos Estados Unidos, para a maioria dos americanos, ser moderno e ser americano também implica ser religioso. Ou seja, ao esboçar isso, o que autor trabalha é que a secularização ganha contornos diversos em diferentes países e continentes¹². Porém, o seu argumento central é que o imperativo de que a secularização se sobrepõe ao religioso na esfera pública, fazendo do último um fenômeno típico da vida privada, demonstrou não se efetivar completamente, principalmente a partir das últimas cinco décadas do século passado chegando até a contemporaneidade. Afinal, as religiões continuam a ocupar um papel central e importante na configuração da sociedade moderna e no espaço público,

¹² Neste mesmo estudo, Casanova demonstra a diferença na noção de pertença religiosa dos norte-americanos em detrimento dos espanhóis. "*I am inclined to interpret the discrepancy between self-reported religiosity and religious self-image as an indication that Spaniards would prefer to think of themselves as less religious than they actually are and that being religious is not considered to be a positive trait in a predominantly secular culture*" (CASANOVA, 2009, p. 1056).

caminhando e disputando lado a lado com as esferas seculares de poder (CASANOVA, 1994).

No Brasil dos anos posteriores a 1970 é possível vislumbrar essa dimensão de disputa, pois, sob a alegação de uma emergente crise moral e espiritual provocada pelo progressismo supostamente vivenciado no país, pastores evangélicos de matriz reacionária decidiram ingressar na vida política a fim de promover uma encruzilhada contra as forças “mundanas” de esquerda que ameaçavam o regime militar, lançando os primeiros frutos do que viria a ser um campo de força da direita religiosa no seio da política nacional (COWAN, 2014).

Além disso, uma outra questão problematizada por Casanova é referente ao secularismo político, que acaba por recair numa ideologia secularista que visa nortear a esfera pública pela guisa da racionalização e universalização, afirmando que “religião” é essencialmente algo não racional, particularista e intolerante – ou iliberal – e, como tal, nociva à política democrática uma vez que se insere na esfera pública. “É a essencialização do ‘religioso’, mas também do ‘secular’ ou do ‘político’ com base em pressupostos problemáticos do que é ou faz a ‘religião’ que está, no meu ver, o problema fundamental do laicismo como ideologia” (CASANOVA, 2009, p. 1057–58).

Também inserido em analisar e interpretar a temática secularização por uma ótica diferente das premissas clássicas acerca do tema, o filósofo comunitarista Charles Taylor propõe retomar essas

discussões por meio da obra *A Secular Age* (2007). Nesse caso, o fenômeno religioso e especialmente o secular são, para Taylor, problemáticas a serem pensadas com o intuito de compreender os caminhos do Ocidente¹³. Taylor (2007) elenca três teorias ou motes explicativos difundidos na *modernidade* acerca do que é a secularização: 1) Cujo caráter é a noção de laicidade, pensa a religião como relegada à esfera privada da vida, além de entender que não mais se deve relacionar o espaço da política com Deus. Ou seja, a dimensão do sagrado não deve abranger o todo social, nem servir de norma última para o que é correto ou não em uma sociedade; 2) O sentido da secularização parte da ideia de que Deus não é mais necessário para e na vida dos indivíduos. Com isso, o transcendente perde seu lugar como explicação e sentido moral para as pessoas; 3) A secularização, cuja complexidade é ainda maior, parte da premissa de que ao longo da história moderna do Ocidente o que foi se desvendando é que a crença em Deus passou do monopólio de explicação e ordenamento da vida para ser uma opção dentre várias outras respostas e entendimento para o homem. Portanto, nessa última forma, o que muda não é a crença em si, mas o ambiente ou as condições para crer, tanto dos indivíduos quanto da comunidade (TAYLOR, 2007).

Diante disso, o autor explicita os problemas centrais das duas primeiras formas de secularização, pois a perspectiva laicizante e a ateuísta partem de olhares que visam as crenças e as práticas religiosas somente como incidem nas instituições. Além disso, o que

¹³ Vale ressaltar que Taylor pensa o ocidente como circundado ao norte global.

ambas implicitamente propõem é uma narrativa demasiadamente específica acerca da história do Ocidente (MARQUES, 2009; TAYLOR, 2007). Essas narrativas, forjadas sob a égide do Iluminismo, não só conceberam esse deslocamento da religião para esfera da vida privada e da crescente perda de indivíduos que creem como também abriram caminho para a substituição do monopólio da religião pelo paradigma cientificista de explicação objetiva do mundo (TAYLOR, 2007).

É por tais desdobramentos que Taylor busca se opor a esses paradigmas secularizantes da vida social e, ainda que como um católico e em certa medida crítico da *modernidade*¹⁴, não concorda em plenitude com a terceira concepção de secularização. Mesmo assim, Taylor a analisa, pois se essa concepção coloca o fenômeno religioso como um dos múltiplos caminhos para modos de vida e busca de sentido para as coisas. Dessa maneira, as duas primeiras excluem a diversidade de cosmos sociais e epistêmicos de organização da vida em sociedade.

Logo, suas críticas as essas concepções de secularização não buscam traçar um quadro competitivo entre o paradigma moderno secular *versus* a perspectiva religiosa, ou entre os crentes rivalizando com não-crentes, mas procura traçar caminhos para o entendimento de diferentes formas de respostas às perguntas e problemas emergidos na *modernidade* através de seus múltiplos

¹⁴ Isso não significa que o filósofo seja um antimoderno, "Taylor é, portanto, um crítico de sua própria época, mas um crítico que nunca considera a possibilidade de não estar inserido nela" (MARQUES, 2009, p. 230).

dilemas e desafios. Assim como Alasdair Macintyre¹⁵, Taylor, embora reconheça os avanços da vida moderna no que tange a áreas como direitos humanos, liberdade civis, dentre outras, não se exime em criticar a *modernidade* como uma espécie de “desvio” na história, que de maneira contingencial colocou em lados opostos fé e razão (BARBOZA FILHO, 2011; TAYLOR, 2007).

Dessa forma, assim como os outros autores trabalhados logo acima, Taylor oferece um outro olhar para o fenômeno da secularização e seus impactos na relação entre espaço público e religião. Sua análise, ao explorar as limitações inerentes ao paradigma weberiano da secularização como promotora de um paulatino desencantamento do mundo, explicita a necessidade de se pensar a vida social e religiosa no ocidente e fora dele, por uma outra ótica capaz de compreender melhor as implicações disso nas esferas políticas e comunitárias da sociedade.

Essa máxima secular que o autor se opõe, foi e ainda tem sido muito difundida por elites cosmopolitas ocidentais e setores progressistas do universo político (inclusive o brasileiro), tornando complexos possíveis caminhos de entendimento e de diálogo com a classe religiosa e suas lideranças e fomentando disputas nocivas no espaço público. Em nosso cenário político, um evento que se interliga em alguma medida com isso – por ter sido subestimada a relevância de um determinado segmento religioso – é o caso do

¹⁵ É um filósofo britânico, que trabalha temas ligados às áreas da filosofia moral e política, tendo como uma de suas maiores influências intelectuais a perspectiva aristotélica da filosofia.

impeachment sofrido por Dilma Rousseff (PT) em 2016¹⁶, que contou com a chancela de ampla parcela de parlamentares evangélicos do congresso nacional, tendo como um de seus principais algozes o evangélico vinculado a Assembleia de Deus e parlamentar Eduardo Cunha (PTB)¹⁷ que, ao votar de maneira favorável ao impedimento, pediu que Deus tivesse misericórdia da nação brasileira.

Tanto antes como após o impedimento de Dilma avançou no Brasil uma onda de narrativas capitaneadas por políticos e figuras do campo cristão conservador e reacionário, chamada de *pânico moral*, que difundiu uma linguagem regressiva e hiperbólica contrárias a políticas progressistas ligadas à temática de gênero, identidade e orientação sexual. A oposição ao aborto e ao casamento homoafetivo, dentre outras pautas, servira de combustível para o recrudescimento de forças políticas à direita pouco afeitas à pluralidade e às liberdades civis, como veio a ser a figura de Jair Bolsonaro (ALMEIDA, 2019).

Por outro lado, alguns setores da Igreja Católica, como a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), têm uma tradição de contestação perante políticas antidemocráticas. A CNBB foi um dos mais importantes polos de oposição ao regime militar, bem como se notabilizou como uma das principais

¹⁶ Para fins deste trabalho, menciono a influência da bancada evangélica nesse processo, porém, é importante explicitar que o impedimento da petista Dilma foi causado por diversos fatores já e ainda amplamente estudados e debatidos no campo da ciência política brasileira.

¹⁷ Nessa época, o então e agora ex-parlamentar Eduardo Cunha ainda era filiado ao MDB e ocupava a presidência da Câmara dos Deputados, o que foi um dos fatores preponderantes na consumação do impedimento de Dilma.

instituições de combate às desigualdades sociais no Brasil desde de sua criação até os dias atuais (AZEVEDO, 2004; LÖWY, 2000). Além disso, embora minoritárias, vertentes de evangélicos progressistas somaram forças em prol da reabertura democrática nacional e na contemporaneidade são vozes dissonantes da ala mais hegemônica do segmento em defesa da democracia e dos direitos humanos (COSTA, 2018). O deputado federal pastor Henrique Vieira (PSOL-RJ) é um dos principais nomes desse movimento de esquerda existente no campo evangélico brasileiro.

O quadro religioso nacional, apesar de ter uma ampla maioria de cristãos que influem fortemente no ambiente político, historicamente a diversidade e o sincretismo religioso integram nosso mapa social. O Candomblé, a Umbanda, o Espiritismo Kardecista, dentre outros segmentos possuem importante capilaridade na geografia religiosa e no cenário cultural da sociedade brasileira, seja pelas tradições por essas manifestações religiosas forjadas em nosso imaginário popular ou mesmo pelas lutas que parte delas enfrentam perante o histórico de discriminação religiosa vivenciado no país.

Dessa forma, percebemos e perceberemos que o elemento e a linguagem religiosa também permeiam toda a nossa configuração sociopolítica. Assim, essas interpretações sobre a secularização abrem caminho não só para problematizar os entendimentos clássicos acerca do tema, como também para imaginar e discutir a religião e sua relação com a sociedade por uma visão não

excludente. Além disso, visa analisar a dimensão do sagrado presente na *linguagem dos sentimentos* das pessoas como algo que não deixará de existir e seguirá conformando as problemáticas sociopolíticas, especialmente no Brasil (BARBOZA FILHO, 2008; BARBOZA FILHO, 2011).

As transformações da demografia religiosa no mundo ocidental

Na esteira desse debate envolvendo a temática da secularização e o suposto declínio da religião na vida social moderna, para além das perspectivas teóricas que procuraram colocar em xeque a narrativa mais dogmática sobre o processo de secularização, o que diversos levantamentos empíricos têm demonstrado nos últimos anos é que apesar do avanço de uma sociedade mais globalizada e plural em termos culturais, o número de pessoas religiosas segue sendo a maioria em diversas regiões e países do mundo, inclusive em nações ocidentais como os EUA. No mais, como afirma Freston (2010), o continente latino-americano e, sobretudo, países como o Brasil, vem ocupando um lugar mais proeminente nos debates globais sobre religião e modernidade por representar um padrão historicamente novo de evolução do cristianismo.

Dito isso, se observarmos a demografia religiosa na América Latina, vemos dois fenômenos importantes para a compreensão dessa

problemática. De acordo com o instituto Latinobarómetro (2019)¹⁸, em 2017 os católicos latino-americanos eram cerca de 59,4%; aqueles que não têm mais filiação religiosa contabilizam 18,5%, e os evangélicos¹⁹ somam 18%. Já os que professam outras religiões contabilizam 4%, em média. Um dado importante a ser frisado, é que o número de fiéis evangélicos saltou de cerca de 11% no início do século para 18% em 2017, sendo o grupo religioso que mais cresceu neste século em nosso continente.

O caso brasileiro é ainda mais paradigmático no que concerne não só ao quantitativo de pessoas que são religiosas, mas no expressivo crescimento do número de evangélicos no país. Segundo pesquisa realizada pelo Pew Research Center (2014), o número de evangélicos no Brasil é de 26% da população, o quantitativo de católicos está em 61%; sem filiação religiosa são 8% e outros 5%. Soma-se a isso o fato de que, segundo pesquisas e apontamentos estatísticos e demográficos, a tendência é que em 2032 a população de evangélicos no Brasil se iguale a até ultrapasse a de católicos. Além disso, o Brasil é o país onde essa migração religiosa ocorre mais rapidamente e que, em breve, alcançará os países da América Central que têm mais de 40% da população evangélica (Nicarágua, Honduras, El Salvador e Guatemala) e que em alguns anos ultrapassará a população católica (GUADALUPE, 2020, p. 32).

¹⁸ É importante dizer que o instituto Latinobarómetro vem realizando pesquisas mais recentes no que se refere a essa questão e esses novos dados seguem sendo apurados por diversos estudiosos do fenômeno. Portanto, a escolha do levantamento apresentado no trabalho se dá pelo grau de consolidação dos seus percentuais.

¹⁹ Para o instituto Latinobarómetro (2019), no campo 'evangélicos' estariam: batistas, metodistas, pentecostais, evangélicos sem especificação e protestantes.

Já países como o México, Paraguai, Colômbia e Peru, diferentemente dos acima citados, possuem extensa maioria católica em sua demografia religiosa, ao passo que apresentam um quantitativo muito baixo de pessoas que não possuem uma afiliação religiosa, principalmente de ateus e agnósticos (PEW RESEARCH CENTER, 2014). É interessante perceber como o território latino-americano expressa de forma clara que a presença e a diversidade religiosa seguem pulsantes, mesmo permeadas por aspectos inerentes à vida moderna (BERGER, 2017).

Referente a essa discussão, a América do Norte, composta principalmente por Estados Unidos e o Canadá²⁰, também fornece um panorama importante sobre a questão religiosa e as configurações sociais que esse elemento causa em suas esferas sociopolíticas. Fato é que, assim como a América Latina, a região norte do continente também passa por mudanças religiosas e conseqüentemente sociais, mas o que as projeções pontuam é que o número de pessoas religiosas seguirá sendo a maioria da sua população.

Na tabela abaixo, veremos os dados do Pew Research Center (2015) sobre a projeção de número de pessoas religiosas e não religiosas na América do Norte.

²⁰ Além dos já mencionados, o Pew Research Center (2015) inclui também como países e territórios da América do Norte as Bermudas, a Groenlândia, as Ilhas Saint Pierre e Miquelon. Para os fins metodológicos do instituto, o México é considerado parte da região da América Latina-Caribe.

Tabela 01 – Tamanho, projeção de crescimento dos maiores grupos religiosos na América do Norte, 2010–2050

Size, Projected Growth of Major Religious Groups in North America, 2010-2050

	2010 ESTIMATED POPULATION	% IN 2010	2050 PROJECTED POPULATION	% IN 2050	POPULATION GROWTH 2010-2050	% INCREASE 2010-2050	COMPOUND ANNUAL GROWTH RATE (%)
Christians	266,630,000	77.4%	286,710,000	65.8%	20,070,000	7.5%	0.2%
Unaffiliated	59,040,000	17.1	111,340,000	25.6	52,300,000	88.6	1.6
Jews	6,040,000	1.8	5,920,000	1.4	-120,000	-2.0	-0.1
Buddhists	3,860,000	1.1	6,080,000	1.4	2,220,000	57.6	1.1
Muslims	3,480,000	1.0	10,350,000	2.4	6,870,000	197.4	2.8
Hindus	2,250,000	0.7	5,850,000	1.3	3,600,000	159.8	2.4
Other Religions	2,200,000	0.6	6,540,000	1.5	4,340,000	197.0	2.8
Folk Religions	1,020,000	0.3	2,630,000	0.6	1,610,000	157.8	2.4
Regional total	344,530,000	100.0	435,420,000	100.0	90,890,000	26.4	0.6

Source: The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050. Population estimates are rounded to the nearest 10,000. Percentages are calculated from unrounded numbers. Figures may not add to 100% because of rounding.

PEW RESEARCH CENTER

Fonte: Pew Research Center, 2015.

De acordo com essa pesquisa, os cristãos deverão continuar sendo o grupo religioso majoritário da América do Norte nas próximas décadas. O quantitativo de seguidores do cristianismo que em 2010 era de 267 milhões e, segundo as projeções, saltará para 287 milhões em 2050. Estima-se que a população cristã da América do Norte deverá crescer em um ritmo muito mais lento, mas religiões como o hinduísmo, budismo e o islamismo terão um crescimento paulatino nas próximas décadas, assim como aqueles que não se identificam com nenhuma religião. Apesar das múltiplas variáveis demográficas, sociais, políticas e do crescimento do número de não-religiosos, o que as pesquisas sugerem é que a pertença religiosa seguirá sendo protagonista nessas sociedades, ou seja, a cartografia da crença no Canadá e nos Estados Unidos terá o

elemento do sagrado influenciando decisivamente em seus respectivos cosmos sociais.

No caso europeu, os dados sobre a vida religiosa fornecem importantes perspectivas sobre a presente discussão, principalmente devido ao fato de que a região é considerada o polo do mundo ocidental secularizado. Na tabela abaixo veremos o levantamento do Pew Research Center (2015) sobre a projeção do número de pessoas religiosas e não religiosas na Europa.

Tabela 02 – Tamanho, projeção de crescimento dos maiores grupos religiosos na Europa, 2010–2050

Size, Projected Growth of Major Religious Groups in Europe, 2010-2050

	2010 ESTIMATED POPULATION	% IN 2010	2050 PROJECTED POPULATION	% IN 2050	POPULATION GROWTH 2010-2050	% INCREASE 2010-2050	COMPOUND ANNUAL GROWTH RATE (%)
Christians	553,280,000	74.5%	454,090,000	65.2%	-99,190,000	-17.9%	-0.5%
Unaffiliated	139,890,000	18.8	162,320,000	23.3	22,420,000	16.0	0.4
Muslims	43,470,000	5.9	70,870,000	10.2	27,400,000	63.0	1.2
Jews	1,420,000	0.2	1,200,000	0.2	-220,000	-15.2	-0.4
Hindus	1,380,000	0.2	2,660,000	0.4	1,280,000	92.9	1.7
Buddhists	1,350,000	0.2	2,490,000	0.4	1,140,000	85.0	1.5
Other Religions	890,000	0.1	1,100,000	0.2	210,000	23.3	0.5
Folk Religions	870,000	0.1	1,590,000	0.2	720,000	83.1	1.5
Regional total	742,550,000	100.0	696,330,000	100.0	-46,220,000	-6.2	-0.2

Source: The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050. Population estimates are rounded to the nearest 10,000. Percentages are calculated from unrounded numbers. Figures may not add to 100% because of rounding.

PEW RESEARCH CENTER

Fonte: Pew Research Center, 2015.

Como sugerem os dados acima, em relação às demais regiões do mundo, o continente europeu é o que terá uma maior redução no número de pessoas vinculadas a uma religião no período entre 2010 e 2050. Apesar de ser uma projeção de queda, os cristãos

deverão seguir sendo o maior grupo religioso da região, com a estimativa de ter 454 milhões de seguidores em 2050. Estima-se que os judeus também terão uma redução no quadro de fiéis. Em contraste a isso, uma informação que chama a atenção é a de que enquanto as demais religiões terão decréscimo de seguidores, a população muçulmana da Europa deverá aumentar em 63%, passando de 43 milhões em 2010 para 71 milhões em 2050 (PEW RESEARCH CENTER, 2015). Além desse quadro mais amplo sobre o cenário religioso europeu, se observarmos as projeções de países como Portugal, Itália, França, Reino Unido e Alemanha, que são importantes forças políticas da região, perceberemos que, embora haja o crescimento da categoria dos que não possuem filiação ou não creem, o número de pessoas religiosas continuará a ser dominante na população²¹ desses respectivos países e do continente em geral.

O que essas movimentações estatísticas nos mostram é que o elemento religioso permanecerá sendo protagonista nas múltiplas configurações sociais, culturais e políticas pelo mundo²², influenciando decisivamente nas mais variadas facetas da vida social contemporânea. Guardadas as devidas proporções sociopolíticas e históricas com o sul global, nem mesmo o ocidente supostamente secularizado se verá livre das influências que o elemento religioso causa na conformação das sociedades e entre elas.

²¹ Ver os dados completos em: <https://www.pewresearch.org/religion/2015/04/02/religious-projection-table/>.

²² Ver em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/04/02/7-key-changes-in-the-global-religious-landscape/>.

Considerações finais

Toda essa discussão encampada em torno do questionamento de que as sociedades de fato se secularizariam ou de que não passariam por esse processo nos possibilitou inferir – com a ajuda de um aporte teórico e por uma breve exposição quantitativa – que o elemento religioso segue expressivamente presente e se dinamiza no mundo social em alguma medida no ocidente, mas, especialmente, no sul global. Assim, sociedade e religião não se tornaram campos diametralmente opostos, logo, a tese de que o componente religioso diminuiria em detrimento do espaço secular não se concretizou. Partindo da premissa de Charles Taylor (2007), isso não significa que crer em Deus permaneceu sendo uma norma a ser seguida como era antes da aurora da *modernidade*, mas a opção pela crença não só se manteve, como se diversificou em diversos países ocidentais e não ocidentais de tradição democrática e pluralista²³.

Independente da constatação de que a questão religiosa tenha permanecido influente em alguma medida no mundo moderno, fato é que, como vimos, a conformação jurídica e política avançou em sociedades democráticas no que se refere a garantir a liberdade religiosa e a igualdade perante o Estado. A partir disso,

²³ Cabe salientar, que discuto o tema da secularização pensando através de sociedades onde o regime político permite a livre expressão religiosa. Afinal, em regimes de base teocrática, não existe outra opção de crença que não seja aquela definida pelo Estado.

observamos que o ideário religioso não é necessariamente um aspecto oposto ao do espaço público, servindo inclusive de elemento basilar na conformação de uma teoria política pautada na garantia da pluralidade em suas mais variadas facetas. Logo, tal reflexão nos possibilita inferir que a relação entre a configuração sociopolítica e a sociorreligiosa recoloca o tema da secularização do mundo em um outro lugar.

Além disso, vale trazer ainda uma reflexão, pois, isso não significa que o mundo da política e o campo dos valores religiosos estejam imunes à cooptação de narrativas religiosas do tipo populistas reacionárias, que procuram recolocar essa relação em uma esfera que tencione os meios republicanos, liberais ou democráticos de ordenamento de um cosmo social plural e livre. Isso nos permite perceber que a vinculação do campo da política ao entusiasmo religioso, ou o caráter simbólico da religião como legitimação da ação do governante populista, vem fomentando uma moralização no debate público (ZÚQUETE, 2017). A dimensão da religiosidade foi e de algum modo ainda tem sido o amparo narrativo dessas figuras, como Trump, Modi e principalmente Bolsonaro para promover ataques velados aos seus adversários políticos e às minorias, sejam elas étnicas, sexuais ou religiosas, tensionando, assim, as bases de uma conformação sociopolítica forjada no pluralismo.

Pensando mais detidamente o Brasil e sua relação com o campo da religião, é possível vislumbrar como os impactos disso afetam decisivamente o cenário político do país. Os dados aqui trabalhados, demonstram principalmente que nas sociedades

latinas as aceleradas transições no quadro religioso, com destaque para o avanço do protestantismo pentecostal em países como o Chile e mais claramente na sociedade brasileira, estão acentuando as transformações na esfera política e estatal, o que impacta diretamente na configuração das instituições e do espaço público (FREESTON, 2010).

Logo, não restam dúvidas que, religião, sociedade e espaço público seguirão sendo dimensões em constante relação. Imaginar o tecido social sem a presença e a influência das várias linguagens religiosas, será pelo menos pelas próximas três décadas uma negação dos fatos, ou pensando na perspectiva lacaniana, uma fuga do real. No entanto, tal questão impõe desafios a serem enfrentados para que a beligerância religiosa não se prolifere no ambiente político ocidental e latino americano. De todo modo, ao fim e ao cabo, as reflexões feitas neste trabalho objetivaram em suma contribuir para as discussões no campo das ciências sociais que se debruçam em investigar as diversas implicações do elo entre o sagrado e político no mundo social contemporâneo.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro Presidente, conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estud. Cebrap*. São Paulo. V38, n.01,185-213. Jan.–Abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/rTCrZ3gHfM5FjHmzd48MLYN/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 24 de jan. 2021.

ASAD, Talal. **Formations of the secular: Christianity, Islam, modernity**. Stanford University Press. Stanford, Califórnia, 2003.

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **ESTUDOS AVANÇADOS** 18 (52), 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10027>. Acessado em: 29 de nov. 2022.

BARBOZA FILHO, Rubem. Razão, religião e democracia. **BOLETIM CEDES – OUTUBRO/DEZEMBRO**, 2011. Disponível em: http://www.cis.pucrio.br/cis/cedes/PDF/out_2011/religiao_razao.pdf. Acesso em: 15 de mar. 2022.

BARBOZA FILHO, Rubem. As linguagens da democracia. **RBCS** Vol. 23 nº 67 junhos/2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcso/a/VzcvBFjXKztpTXG64tcBZp/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 15 de mar. 2022.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BISSIATI, Edson Lugatti Silva. **Religião, Secularização e Política: os impactos da relação entre Bolsonaro e os evangélicos para o pluralismo democrático no Brasil/** Edson Lugatti Silva Bissiat. 2023. 114p. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15211>. Acessado em: 07 de mai. 2023.

BISSIATI, Edson L.S, LEPORATI, Lara Bortolusci, Liguori, Paula Aparecida Viol, ANDRADE, Marcelle Luiz de. O conceito de laicidade na atual formulação da política brasileira. **CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 29, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/index>. Acessado em: 29 de nov. 2022.

RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO

BURITY, Joanildo. **Itinerário histórico-político dos evangélicos no Brasil**. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI / [organização José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza]. — Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

CASANOVA, J. **Public religions in the modern world**. Chicago: University Chicago Press, 1994.

CASANOVA, J. **The Secular and Secularisms**. Social research Vol 76: No 4: Winter 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40972201>. Acessado em: 21/05/2022.

COSTA, Fernando Coelho. Evangélicos progressistas: uma experiência política no período de abertura democrática no Brasil. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)** São Luís – Vol. 4 – Número Especial – Jul./Dez. 2018. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/10549>. Acessado em: 29 de nov. 2022.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. Em: Os Pensadores. Tradução de José Arthur Giannotti. 2.ed. São Paulo: abril Cultural, 1983.

CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO. Informe 2018 Latinobarómetro, 2019. Recuperado de: <http://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>. Acessado em: 14 de set. 2022.

COWAN, Benjamin Arthur. "Nosso Terreno" crise moral, política evangélica e a formação da 'Nova Direita' brasileira. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 30, nº 52, p.101–125, jan/abr 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/PXDGNyTGFbCvRs7z46k35rm/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 29 de nov. 2022.

EATWELL, Roger & GOODWIN, Matthew. **National Populism: The Revolt against Liberal Democracy**. New York: Pelican Books, 2018.

FRESTON, Paul. As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 12, n. 12, p. 13–30, outubro de 2010. Disponível em: <https://sumarios.org/artigo/duas-transi%C3%A7%C3%B5es-futuras-cat%C3%B3licos-protestantes-e-sociedade-na-am%C3%A9rica-latina>. Acessado em: 28 de nov. 2022.

GUADALUPE, José Luiz Pérez. **Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana**. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI /

RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO

[organização José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza]. — Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

GROTIUS, Hugo. **O direito da guerra e da paz**. Trad. de Ciro Mioranza. Ijuí: Unijuí, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Dialética da secularização**: sobre razão e religião/Jürgen Habermas, Joseph Ratzinger. Organização e prefácio de Florian Schuller;(tradução de Alfred J. Keller).— Aparecida, SP. Ideias e Letras, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **Fé e saber**. Tradução Fernando Costa Mattos.— I. ed. —São Paulo: Editora Unesp, 2013.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**: estudos filosóficos. — Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HANEGRAFF, Wouter J. Definindo Religião. Apesar da História. **Religare**, ISSN: 19826605, v.14, n.1, agosto de 2017, p. 202–247. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/37583>. Acessado em: 05 de ago. 2022.

JAY, John. "Dos perigos que podem resultar da influência e hospitalidade das nações estrangeiras" In: HAMILTON, Alexander; MADISON, James; JAY, John. O Federalista. Tomo 1. Rio de Janeiro: TYP. IMP. E CONST. DE J VILLENEUVE e COMP., 1840. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/17661/federalista_hamilton_madisson_volume1.pdf?sequence=3. Acessado em 10 de ago. 2022.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Tradução Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIGUORI, Paula Aparecida Viol. **Gramática do Nacionalismo**: Repensando o Conceito/ Paula Aparecida Viol Liguori, 2020.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância**. São Paulo: Editora Abril Cultura, Coleção Os Pensadores, 1973.

RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO

LYNCH, Christian Edward Cyril; CASSIMIRO, Paulo Henrique. O populismo reacionário no poder: uma radiografia ideológica da presidência Bolsonaro (2018– 2021). *AISTHESIS* Nº 70: 223–249 • ISSN 0718–7181. Instituto de Estética – Pontifícia Universidade Católica de Chile, 2021. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812021000200223. Acesso em: 21 de set. 2022.

MARQUES, Alexandre Bacelar. Charles taylor: a secular age. Resenhas. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 29(2): 220–237, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/x3W7PxxkjHDsljyPjKvHbjZg/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 30 de mai. 2022.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos. *Civitas*. Porto Alegre v. 11 n. 2 p. 238–258 maio–ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/9647>. Acessado em: 09 de mai. 2021.

MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890–1930*. São Paulo. Ed: Companhia das Letras, 2009.

NIESTZCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência* (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.

ORO, A. P, CAMURÇA, Marcelo Ayres. Da secularização ao espaço público: meandros e mediações frente ao esquema de separação entre secular e religioso. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, ano 24, n. 52, p. 7–20, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/kJGX5pdc7fWZvdbq43HqC7K/?lang=pt>. Acessado em: 25 de jun. 2022.

PEW RESEARCH CENTER. *Religión en América Latina: cambio generalizado en una región históricamente católica*, 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/7/2014/11/PEW-RESEARCH-CENTER-Religion-in->. Acessado em: 15 de set. 2022.

PEW RESEARCH CENTER. *O futuro das religiões mundiais: projeções de crescimento populacional, 2010–2050*, 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2015/04/02/north-america/>. Acessado em: 14 de set. 2022.

PEW RESEARCH CENTER. *O futuro das religiões mundiais: projeções de crescimento populacional, 2010–2050*, 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2015/04/02/europe/>. Acessado em: 14 de set. 2022.

RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber.** São Paulo, Editora 34, 2003.

RORTY, Richard. **Filosofia como política cultural.** São Paulo: Marins Fontes, 2009.

TAYLOR, Charles. **A secular age.** Harvard University Press, 2007.

Treaty of westphalia. 1648. Disponível em: http://avalon.law.yale.edu/17th_century/westphal.asp.. Acessado em 20 de ago. 2022.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1998.

TURNER, Bryan. **Max Weber, from history to modernity.** Londres, Routledge, 1992.

WEBER, Max. **"Rejeições religiosas do mundo e suas direções"** in: "Ensaio de sociologia". Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

ZÚQUETE, José Pedro. **Populism and Religion.** IN: _____. The Oxford Handbook of Populism. Published in the United States of America by Oxford University Press 198 Madison Avenue, New York, NY 10016, United States of America. 2017. p. 565–590.

ZYLBERSZTAJN, Joana. **O princípio da laicidade na Constituição Federal de 1988.** 2012. Tese (Doutorado em Direito do Estado) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-11102012-111708/publico/Joana_Zylbersztajn_TESE_Corrigido.pdf. Acessado em: 14 de jul. 2022